

A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA LITERATURA INFANTIL NO COMPONENTE LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES

Tereza Raquel Silva de Sousa Dias¹

RESUMO

Este artigo objetiva investigar a abordagem teórico-metodológica da literatura infantil enquanto componente da parte diversificada do currículo no Ensino Fundamental a fim de analisar a prática da contação de histórias nos anos iniciais na rede municipal de ensino de Bento Gonçalves. Para tanto, a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, ocorreu por meio de um estudo de caso, composto por observação da prática pedagógica e entrevista com uma professora do componente Literatura Infantil, em que foi possível analisar os processos teóricos e metodológicos adotados no desenvolvimento das aulas com alunos do primeiro e segundo anos. O artigo está organizado em duas partes: na primeira, desenvolve-se a fundamentação teórica acerca do tema, baseada nos estudos de Abramovich (1994), Zumthor (2014), Patrini (2005), Cosson (2017), Girardello (2011), Vigotski (2009), entre outros; e, na segunda, aborda-se o processo de inserção na escola visitada, a coleta e a análise qualitativa dos dados obtidos. Os resultados apontam que, de modo geral, a concepção teórica observada na prática docente ancora-se na noção de que a literatura tem potencial para o desenvolvimento integral do sujeito. Dentro dessa proposta, a contação de histórias aparece como um recurso metodológico que não só propicia um momento lúdico e de fruição do texto literário a partir da performance, mas também favorece a aprendizagem das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Contação de Histórias. Performance. Ensino Fundamental.

Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar. (BUSATTO, 2012)

1 INTRODUÇÃO

A literatura faz parte do processo formativo dos estudantes no ambiente escolar e fornece muitas possibilidades para os profissionais da educação desenvolverem propostas de trabalho sobre temas diversos. A contação de histórias é uma das práticas de trabalho com a literatura infantil na escola e uma maneira de fomentar o gosto pela leitura. Contudo, alguns teóricos atentam para certos cuidados que o professor deve ter a fim de não reduzir a contação de histórias a um simples pretexto ou ponto de partida para desenvolver conteúdos ou atividades pedagógicas, ou ainda

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Bento Gonçalves. Licenciatura em Pedagogia. E-mail: terezasousa.teatro@gmail.com

fazer com que o ato de ler torne-se uma obrigação, inibindo o imaginário da criança, já que essas práticas distanciam a literatura de sua função enquanto forma artística. Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo acerca da abordagem teórico-metodológica da literatura infantil enquanto componente da parte diversificada no Ensino Fundamental a fim de analisar a prática da contação de histórias nos anos iniciais na rede municipal de educação de Bento Gonçalves.

O processo investigativo, de caráter exploratório, reuniu as seguintes etapas: a) construção do referencial teórico baseado em pesquisa bibliográfica a fim de explicitar conceitos relacionados à literatura infantil, dentre eles a contação de histórias, a imaginação e a performance, segundo os estudos de autores como Abramovich (1994), Zumthor (2014), Girardello (2007), Vigotski (2009) Patrini (2005), Torres e Tettamanzy (2008), entre outros; b) estudo de caso a partir da inserção em uma escola da rede municipal de Bento Gonçalves, em que se observou a prática pedagógica de uma professora do componente curricular Literatura Infantil a fim de analisar os processos teóricos e metodológicos adotados no desenvolvimento das aulas, além da aplicação de um questionário com perguntas abertas à docente responsável pelo componente; c) por fim, os dados coletados foram analisados qualitativamente, relacionando os resultados obtidos com a fundamentação teórica construída.

Compreendemos que a abordagem teórico-metodológica da literatura infantil na escola passa pelo trabalho docente, por isso buscamos observar como se dá esse processo na prática da sala de aula, para que haja o estímulo ao gosto pela leitura desde a primeira etapa da Educação Básica. Destacamos, ao longo deste estudo, aspectos importantes como a organização do componente curricular na escola visitada, os critérios da professora na escolha dos livros trabalhados, além do processo de preparação para a narrativa oral e a performance do contador em sala de aula, possibilitando-nos, por fim, relacionar os resultados dessa investigação aos suportes teóricos já mencionados.

2 LITERATURA NA ESCOLA: FRUIÇÃO E APRENDIZAGEM

As obras literárias proporcionam ao leitor momentos de prazer – o deleite, de divertimento, de emoção, mas podem também ser estimulantes ou desafiadoras. Compreender a literatura somente pelo viés do entretenimento seria limitar todo o

potencial que as narrativas podem oferecer ao leitor. Na educação, almeja-se formar um indivíduo crítico-reflexivo, preparado para o exercício da cidadania e qualificado para o trabalho, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996). Assim, o papel da literatura vai além do prazer em ler, pois ela também é capaz de desenvolver muitas potencialidades no sujeito leitor. De acordo com Coelho (2000), a literatura intenciona:

Estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face ao mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151).

Nesse sentido, podemos dizer que a literatura adquiriu um caráter social ao longo da história da humanidade. Contudo, a literatura infantil faz isso de forma lúdica² e divertida para agradar seu público-alvo, que são as crianças. A nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 95) atenta para a habilidade que os alunos precisam desenvolver, qual seja: “reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade”. Esse é o encantamento que a literatura infantil produz e provoca nas crianças, despertando o gosto pela leitura e a capacidade imaginativa. Por essa razão, a literatura pode ser uma excelente estratégia no fomento à leitura para a criança na fase inicial da vida escolar, e a contação de histórias, uma das formas mais eficazes de potencializar essa prática.

O ato de contar histórias perpetuou-se na humanidade pela necessidade que o homem teve de se comunicar e se expressar (BUSATTO, 2012). Essa prática sempre ocorreu nas mais diversas sociedades e em qualquer período da história, desde que o homem desenvolveu a linguagem. Nos dias atuais, a contação de histórias é um meio pelo qual as crianças se relacionam com a literatura infantil. Apesar disso, ainda é muito comum que os docentes utilizem a contação de histórias simplesmente como

²Entendemos a ludicidade a partir da concepção de Luckesi (2017, p. 100), para quem a ludicidade vai além da ideia de brincadeira e diversão, “[...] expressa um estado interno do sujeito, uma disposição subjetiva em uma relação plena com aquilo que se está fazendo, que pode ser: brincar, estar com amigos, viajar, ouvir música, praticar leituras, praticar um esporte, cozinhar, dedicar-se a um instrumento musical”.

fiu condutor do processo de aprendizagem, uma forma de motivação para a introdução de algum conteúdo, e não como um fim em si mesma, como uma expressão artística. Mas esse cenário tem mudado aos poucos, e um exemplo disso está na inserção da literatura infantil como componente da parte diversificada do currículo das escolas municipais de Bento Gonçalves pela Resolução CME n. 045, de 12 de dezembro de 2019 (Anexo I), como abordaremos na sequência.

2.1 AS NARRATIVAS ORAIS NA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A contação de histórias é uma das ferramentas didáticas mais utilizadas por educadores, principalmente para o trabalho com as crianças. Contudo, muitas vezes, os aspectos literários da obra, como a linguagem plurissignificativa e as possibilidades de interpretação, são pouco explorados. Torres e Tettamanzy (2008, p. 3) chamam a atenção para o principal objetivo da contação de histórias:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida. (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 3).

Nesse sentido, as narrativas orais são muito mais que momentos de entretenimento, pois podem potencializar o processo educativo a partir das diversas possibilidades pedagógicas que elas oferecem, que vão desde estudo dos gêneros textuais, elementos da oralidade e da escrita, conhecimento de diferentes culturas, entre outros.

A literatura na educação começou a ser explorada nas bibliotecas dos Estados Unidos e só depois espalhou-se pelo mundo. No Brasil, esse marco deu-se nos anos 1980 através, entre outros, da chamada “hora do conto” nas escolas (PATRINI, 2005, p. 21). Atualmente, percebemos a literatura como parte do contexto escolar para além dessa ideia, inclusive sendo entendida enquanto componente curricular, constituindo a parte diversificada do currículo escolar, no caso do município de Bento Gonçalves. A existência de um componente curricular que garanta o trabalho com o texto literário (oral ou escrito) é muito importante e constitui um grande avanço, tendo em vista o

reconhecimento do seu potencial para o processo formativo da criança, conforme tratamos neste trabalho.

A ânsia por fomentar a leitura e o gosto pela literatura é um dos propósitos das narrativas (COSSON, 2017), por isso, e em virtude de vivermos um período de grande ebulição tecnológica, que fornece aparatos cada vez mais modernos e de fácil alcance para o público infantil, a forma de contar uma história precisa ser motivo de atenção e preparação por parte do contador, ou seja, podemos entender a contação de histórias como um ato performático. A performance do contador deve levar em conta o ritmo da história, os personagens, o conflito da narrativa, o público ouvinte, a fim de transmitir pela voz e pela gestualidade toda a riqueza e a magia do texto. Performance, na concepção de Zumthor (2010), é:

[...] a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário, circunstâncias (que o texto, por outra via, com a ajuda de meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição. (ZUMTHOR, 2010, p. 31-32).

Podemos perceber, assim, a efemeridade da performance, em que se estabelece uma relação entre o locutor e o ouvinte através de uma mensagem emitida e compreendida de forma poética, no aqui e agora, ou seja, um momento único e irrepetível. Mais adiante aprofundaremos os aspectos da performance nas narrativas orais.

2.1.1 As narrativas orais e o papel da imaginação no processo formativo da criança

Nesse ponto, destacamos a concepção vigotskiana no que tange à imaginação como algo especificamente humano e relacionada à atividade criadora do homem. Para Vigotski (2009), existe uma correlação entre imaginação e realidade e imaginação e experiência – sendo a imaginação um dos fatores afetados pela cultura. Mas o que isso quer dizer diante do nosso tema de trabalho? Antes de responder à questão, precisamos considerar um detalhe pontual em relação à imaginação, e que Vigotski (2009, p.14) problematiza: a noção de imaginação enquanto base de toda atividade criadora que se manifesta em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica.

Smolka (2009), que traduz e comenta o livro *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*, de Vigotski, aponta para a percepção de imaginação do pensador:

A ideia da imaginação como função primária, exclusivamente relacionada aos aspectos emocionais e a predominância de devaneios e distanciamento da realidade na adolescência. Contra essa posição, argumenta que as formas do pensamento em que sobressaem as imagens eidéticas (sensoriais e visuais) e os aspectos perceptuais se transformam com e pela linguagem, e a imaginação passa a apoiar-se também em palavras, em conceitos. [...] O ensino da forma escrita de linguagem e a produção literária podem construir condições específicas de atividade criadora. (VIGOTSKI, 2009, p. 48).

Nesse sentido, o Vigotski (2009) refuta a ideia de imaginação como algo infantil, relacionado ao não real, sem significado prático sério. Ao contrário, ele postula que a imaginação do adulto é mais rica que a da criança (graças à maturidade e “mais experiências” adquiridas) e que “a criança é capaz de imaginar bem menos que um adulto, mas ela confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos.” (VIGOTSKI, 2009, p. 46). Portanto, entendemos a imaginação como um mecanismo de aprendizagem, visto que está vinculada à atividade criadora do homem. Assim, sendo as narrativas capazes de desenvolver e estimular a imaginação, torna-se muito válido compreender imaginação a partir da perspectiva de Vigotski e levá-la em consideração no trabalho com as narrativas, ou seja, não contar pelo contar, mas levar em conta todos os aspectos relacionados a essa prática.

Girardello (2011, p. 82) diz que “um laço indissociável une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pela história como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo”. A autora fala, portanto, da possibilidade das narrativas criarem imagens mentais nas crianças, subsidiadas pelos detalhes e pelo modo como o contador narra a história – que cria um ambiente de cumplicidade entre ambos.

2.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA SALA DE AULA: METODOLOGIAS E PERFORMANCE

As narrativas orais constituem os saberes populares que transcendem gerações através dos contadores de histórias. São o modo pelo qual a memória social e cultural se mantém viva em uma sociedade. Contar histórias, conforme Busatto

(2012), implica estabelecer uma relação com a narrativa e com o ouvinte de forma a tecer diálogos, significações e imagens, através do dito e do não dito. Esses conceitos são muito proveitosos no processo educativo, pois o papel da educação passa por essa formação do ser, capaz de preservar sua cultura e mantê-la viva.

Cosson (2017), ao tratar dos processos que envolvem a leitura, chama atenção para a importância em desenvolver o “letramento literário” numa perspectiva formativa. O letramento literário refere-se à leitura além de aspectos pedagógicos ou estímulos estéticos, mas pelo prazer da fruição, numa perspectiva de habilitar o leitor para a compreensão do mundo e a si próprio através da literatura, ou seja, letramento literário constitui a capacidade de refletir e confrontar os valores sociais e a nós mesmos. Assim, o autor destaca a contação de histórias como uma prática de leitura e a reconhece com um grande potencial para desenvolver o vocabulário, além de outros aspectos já mencionados (estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico), e também como auxiliar na “incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional” (COSSON, 2017, p. 112).

Um dos objetivos principais da contação de histórias é a apreciação literária. Inclusive, ao contar histórias, o professor pode criar um ambiente propício para a fantasia, como o Canto da Leitura, e fazer uso de recursos tais como a mala de leitura, canções ou palavras/frases ritmadas que se repetem ao longo da história, atribuindo uma musicalidade à performance, objetos ou ilustrações que instiguem a criação de imagens no imaginário do ouvinte, e outros, que também são apontados por Cosson (2017) como estratégias para desenvolvimento das narrativas (mais além, da literatura) com as crianças.

2.2.1 Aspectos da performance

Neste estudo, compreendemos que uma parte importante do trabalho com as narrativas orais passa pela noção de performatividade que as histórias oferecem. A performance “é um fator constitutivo da prática oral [...]. É a performance que permite ao receptor ligar-se à mensagem oral, outorgando a identidade ao contador” (PATRINI *apud* ZUMTHOR, 2005, p. 181).

Zumthor (2014) chama atenção para o hábito de retirar o texto dos estudos

literários, da forma global da obra performatizada. Para ele, nos habituamos a só tratar do escrito; contudo, ele declara que “[...] a performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca” (ZUMTHOR, 2014, p. 35). Nesse sentido, a performance, na prática da contação de histórias, é muito importante para o processo de letramento literário. Para entender a dimensão dessa proposição, é preciso compreender a interferência e as relações da performance nesse processo.

Nas reflexões de Zumthor (2014), a performance, entre outras noções,

Se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual. [...] Qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar [...] a noção de performance, encontramos sempre um elemento irreduzível, a ideia da presença de um corpo. [...] A performance não apenas se liga ao corpo mas, por ele, ao espaço. Esse laço se valoriza por uma noção, a de teatralidade [...]”. (ZUMTHOR, 2014, p. 41-42).

Podemos dizer, portanto, que o corpo (presença) e a voz são instrumentos da performance. As narrativas orais estabelecem um “jogo relacional” (PATRINI, 2005, p. 147) entre o contador e o público num determinado espaço/tempo.

Zumthor (2014) fala dessa relação de cumplicidade entre o contador e o ouvinte na situação de performance. De acordo com o autor, “[...] a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília.” (ZUMTHOR, 2014, p. 68). Assim, o despertar do encantamento e gosto pela literatura, através das narrativas orais, passa pela relação estabelecida pelo contador com o ouvinte por meio da performance.

Essa relação elucida outro aspecto da performance que é a efemeridade da ação. Toda contação será um momento único, irrepetível, e mesmo que a história seja contada diversas vezes, a cada vez será uma nova narrativa. Patrini (2005) lembra ainda que o texto lido simplesmente não constitui a performance narrativa, mas que a leitura é um dos fatores que, somados a outros, dão à obra literária o caráter de narrativa oral. Para a autora “[...] a performance opera sobre a voz e as linguagens que a acompanham, no reconto a performance opera também no próprio discurso na medida em que esse discurso é produzido durante a enunciação” (PATRINI, 2005, p. 175).

Girardello (2007), baseada nos estudos de Vigotski, chama atenção para o desenvolvimento do pensamento lógico das crianças e também de sua imaginação através da vivência com as narrativas. Para a autora, “a narração oral é sempre uma

forma dialógica” (GIRARDELLO, 2007, p. 2), é como uma “conspiração” em que a troca não se dá apenas no plano da linguagem, mas através do todo que envolve a contação: voz, gestos, vibração – tanto de quem conta como de quem ouve.

Dessa forma, compreendemos que desde a escolha da história, a preparação para a narrativa (seja através de jogos, músicas, exploração do livro ou outro material, etc.), a voz, a presença, a gestualidade do contador e a escuta atenta dos ouvintes fazem parte da performance no trabalho com as narrativas orais.

Um detalhe importante é apontado por Patrini (2005) quanto à diferença entre as narrativas orais – que a partir da noção de performance explicitada por Zumthor adquirem caráter poético e valor artístico; e o teatro – em que se criam personagens definidos e se utilizam outros elementos próprios dessa linguagem artística. Nessa mesma linha de pensamento, Girardello (2007) diz que o uso demorado de elementos na performance pode induzir ou inibir o imaginário da criança, inclusive, há o perigo do que ela chama “hiper-ilustração”. O contador pode até usar de elementos do teatro, mas nas narrativas orais, mais importante que qualquer recurso, é o uso da palavra (voz) e a presença (corpo e performance) do contador, que lhe conferem os mecanismos para a contação (PATRINI *apud* ZUMMTHOR, 2005, p. 8).

Conscientes da importância da performance, chegamos mais uma vez à questão dos procedimentos metodológicos da contação de histórias na escola. Abramovich (1994) destaca alguns aspectos relevantes sobre essa prática:

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto de rimas, com o jogo das palavras. Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! (ABRAMOVICH, 1994, p. 18).

Abramovich (1994) ainda orienta acerca da performance do contador no processo de contação de histórias, como ter critérios claros para a escolha da história, aproveitar o texto sem esgotá-lo, mas deixando espaço para o imaginário da criança, usar possibilidades vocais diversas e saber começar a contação, seja com o tradicional “era uma vez” ou outra forma.

Souza e Cosson (2018), em uma crítica sobre a contação apenas como mecanismo estético na educação, destacam a questão do letramento literário, em que é necessário também criar espaços adequados e acessíveis para a leitura das crianças, como o Cantinho da Leitura. Entendemos que esses espaços podem ser

explorados também para as contações de histórias, pois um espaço devidamente preparado para a leitura, seja com almofadas, tapetes, prateleiras, cenário, etc., torna-se um tanto acolhedor para momentos de narrativas, em que o livro está acessível e à disposição, tanto para o contador quanto para os alunos.

3 LITERATURA NA ESCOLA: A PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES

As escolas municipais de Bento Gonçalves contam em sua grade curricular, desde o ano de 2019, com componentes da chamada parte diversificada do currículo, como complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), baseada na Resolução CME n. 045, de 12 de dezembro de 2019 (BENTO GONÇALVES, 2019).

O documento esclarece quais são considerados componentes da parte diversificada:

I – Para a Educação Infantil: Musicalidade; **Literatura Infantil**; Língua Estrangeira Moderna; Libras; Ciência Aplicada; **Literatura Infantil ou Infantojuvenil**; Educação para o Pensar.

II – Para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Musicalidade; **Literatura Infantil**; Língua Estrangeira Moderna; Libras; Ciência Aplicada; **Literatura Infantil ou Infantojuvenil**; Educação para o Pensar. (BENTO GONÇALVES, 2019, grifo nosso).

Podemos identificar, nesse documento, a Literatura Infantil como um dos componentes curriculares enquanto parte diversificada do currículo, tanto para a Educação Infantil quanto para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Sobre a inclusão de novos componentes curriculares na parte diversificada do currículo, a resolução esclarece alguns aspectos para a aprovação em colegiado, de acordo com o Art. 4º:

I- ofício firmado pela mantenedora solicitando a inclusão de novo componente curricular da parte diversificada;

II- cópia do Plano de Estudos do componente curricular em consonância com a BNCC;

III- cópia da Matriz Curricular com a carga horária inclusa nos horários de funcionamento do curso, dentro do horário de funcionamento da escola;

IV- comprovante de habilitação do professor que irá ministrar o componente curricular. (BENTO GONÇALVES, 2019).

Destacamos, entre esses itens, o Plano de Estudos do componente curricular, que deve estar em diálogo com a BNCC, e a Matriz Curricular, especificando as diretrizes para o funcionamento do componente, além do item que solicita a

habilitação do professor para ministrar o componente curricular.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, onde realizamos o estudo de caso, infelizmente, não tivemos acesso ao Plano de Estudos do componente curricular Literatura Infantil³, mas pudemos dialogar com o Supervisor da escola sobre como o componente é desenvolvido. Também percebemos que não há um critério claro quanto à habilitação do professor para ministrar o referido componente. No entendimento da escola em questão, ter formação em Magistério e/ou estar cursando Licenciatura em Pedagogia é considerado suficiente para exercer a função.

3.1 Parte diversificada do currículo na EMEF Santa Helena

A segunda parte desta pesquisa deu-se através de um estudo de caso realizado na EMEF Santa Helena, localizada no bairro Santa Helena, na cidade de Bento Gonçalves, no mês de março de 2020. A escola atende crianças da Pré-escola aos Anos Finais e conta com uma excelente estrutura física, dispondo de espaços bem diversificados - que os alunos exploram de forma sistemática, como laboratório de informática, deck com uma Geloteca (uma geladeira desativada com livros à disposição dos alunos), bancos rústicos e almofadas, biblioteca, pátio coberto e aberto, duas quadras poliesportivas (sendo uma coberta), parquinho, refeitório, entre outros. Durante as observações na escola, nos detivemos a acompanhar aulas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no turno vespertino.

Cabe mencionar que a escolha dessa instituição de ensino para a investigação deve-se ao fato de, em outros momentos durante a graduação havermos estabelecido uma boa relação e diálogo com os gestores da escola para realização de algumas de atividades relacionadas ao processo de formação, tais como estágio curricular na Educação Infantil e Anos Iniciais – o que nos permitiu conhecer a estrutura da escola, a equipe gestora, acesso ao Projeto Pedagógico Escolar, entre outros.

Dentre os componentes curriculares, compõem a parte diversificada do currículo Musicalidade e Literatura Infantil, apenas para as turmas da Educação Infantil (Jardins A e B) e para as turmas dos primeiros e segundos anos do Ensino

³ Devido ao período de isolamento social imposto pela Pandemia COVID-19, o acesso aos documentos físicos foi impossibilitado, já que na mesma semana em que ocorreu a inserção na escola, houve a suspensão das atividades escolares.

Fundamental. As demais turmas têm outros componentes inseridos no currículo, visto que as escolas possuem autonomia para selecionar e organizar a matriz curricular a partir da Resolução CME n. 045, de 12 de dezembro de 2019, que elucida os componentes que compõem a parte diversificada do currículo, conforme tratamos anteriormente.

É relevante destacar que o cronograma de pesquisa ficou comprometido em virtude da pandemia instaurada pela Covid-19, que implicou na suspensão das aulas presenciais a partir do mês de março do ano vigente. As visitas à escola, observações e acompanhamento das aulas foram reduzidas a duas oportunidades, realizadas nos dias 16 e 17 de março; os demais contatos com a supervisão da escola e com a professora foram estabelecidos via e-mail e aplicativo de WhatsApp.

3.2 Estudo de caso: observação da prática docente

Visitamos a escola em duas ocasiões e pudemos acompanhar a professora titular do componente Literatura Infantil durante as aulas para as turmas 12 e 11 (primeiro ano) e turma 21 (segundo ano). As aulas têm duração de duas horas e ocorrem na sala de aula e também na biblioteca da escola, espaço onde ocorre a devolução, retirada de livros e momento de leitura livre. Nesse período, no tempo reservado ao planejamento das aulas, conversamos com a professora sobre a abordagem teórico-metodológica desenvolvida pela escola e por ela no componente Literatura Infantil. Também conversamos com o Supervisor da escola para maiores detalhes quanto à presença do componente na matriz curricular. Infelizmente, por ocasião da suspensão das aulas naquela mesma semana, houve uma grande demanda de trabalho por parte da gestão, o que reduziu o tempo para analisar documentos e acompanhar a rotina escolar.

Com relação às aulas, de modo geral, percebemos que a metodologia desenvolvida não se limitava ao trabalho com a literatura infantil. Em todas as aulas observadas, as crianças realizaram atividades pedagógicas relacionadas com alguma história que a professora havia contado em outro momento. Percebemos apenas uma atividade em que houve a exploração do livro mais voltada para os aspectos literários. Tratava-se do livro *Quem tem medo de monstro*, da autora Ruth Rocha, em que as crianças estavam finalizando a confecção de monstros com material reciclável para o reconto da história na aula seguinte. De forma geral, porém, as atividades propostas

utilizavam a história para trabalhar algum conteúdo (como caça-palavras, encontrar e contar letras, etc.), exatamente o que é criticado pelos teóricos citados neste trabalho. Apenas o título do livro e o autor estavam escritos no quadro para identificação da narrativa.

Por ocasião também da suspensão das aulas, houve a orientação da Secretaria Municipal de Educação (SMED), que os professores enviassem atividades para que os alunos realizassem em casa com as famílias. Então, a professora encaminhou para uma das turmas uma atividade bem interessante a partir do livro *Quando Estela era muito, muito pequena*, de Marie-Louise Gay, em que as crianças deveriam contar sua própria história (escrita ou através de desenhos) para, no retorno das aulas, compartilharem com a turma.

Para a contação dessa história, a professora não modificou a estrutura da sala, manteve as crianças em suas classes (enfileirados) e, após explicar a atividade para o período de suspensão, fez mais uma preparação para a contação. Ela explorou o livro, instigou a curiosidade das crianças com perguntas sobre o título da história, mostrando e falando sobre as figuras da capa. As crianças foram bem ativas e expressaram suas hipóteses e opiniões. Em seguida, a professora narrou a história e, na medida em que folheava as páginas, mostrava as ilustrações do livro para as crianças, que ouviam atentas à narrativa. Durante a contação, a professora caminhou pela sala mostrando as ilustrações, e quase que cantarolava a história – que continha versos curtos em cada página.

Pudemos notar que a professora dominava a narrativa com perfeição, inclusive, quando as crianças faziam comentários, ela dava um jeito de amarrar com a história, além de constantemente tentar contextualizá-la com a vida das crianças. Ao final da contação, a professora dedicou um momento para o diálogo com as crianças sobre a história, retomou alguns trechos e resumiu, juntamente com as crianças, o enredo, retomando a atividade para explicar mais uma vez como deveriam fazer em casa, com os familiares.

Segundo a professora, normalmente o tempo de aula permite apenas uma contação, para que sejam feitas atividades posteriores com as narrativas. Ainda tem o deslocamento para a biblioteca, pois é durante as aulas de Literatura que as crianças fazem retirada e devolução de livros. No entanto, para este mesmo dia, quando ocorreu a aula descrita acima, a professora havia preparado outra história para contar,

a partir do livro *Margarida friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida, em que ela utiliza recursos além do livro, como uma sacola com materiais confeccionados por ela, por exemplo a flor para ilustrar a margarida. Como não houve tempo suficiente para essa segunda contação, a professora apenas mostrou-nos o material e explicou como havia planejado essa aula.

Um detalhe importante a se destacar também está nos espaços utilizados para as contações de histórias. Segundo a professora, as aulas não se limitam à sala de aula. Além da biblioteca, como já mencionado, as contações são feitas nos pátios, no deck, onde existem almofadas para dar conforto às crianças, entre outros. Além da professora, a bibliotecária também faz contação de histórias algumas vezes. Percebemos que há um trabalho de parceria entre a professora e a bibliotecária, pois observamos elas conversando, durante a leitura livre das crianças, sobre o acervo da biblioteca e os recursos disponíveis para a performance das narrativas.

3.3 Estudo de caso: entrevista com a professora

Após as observações, em outro momento, via e-mail e aplicativo de WhatsApp, mantivemos contato com a professora e realizamos um questionário com questões abertas (APÊNDICE I) sobre o componente Literatura Infantil, o qual foi respondido por escrito.

A professora⁴ possui Licenciatura Plena em Matemática e Especialização no Ensino de Matemática para a Educação Básica. No momento da entrevista, estava cursando Licenciatura em Pedagogia na modalidade EaD, e também já havia realizado um Curso de Extensão de Literatura Infantil. Na EMEF Santa Helena, ela atua no componente Literatura Infantil com as turmas do Jardins A e B, primeiros e segundos anos (turmas 11, 12, 21 e 22) no turno da tarde, além de trabalhar em outras duas escolas com outras disciplinas. A professora atua pelo segundo ano com o componente de Literatura Infantil e afirmou ter aceitado a vaga pela falta de professores disponíveis na área, mas vê a oportunidade como uma interessante experiência profissional.

Ela hesitou em se denominar contadora de histórias, e disse que sente necessidade de se aperfeiçoar na área, ter uma formação mais direcionada, por isso,

⁴ A professora assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aceitando participar da pesquisa. A identidade da professora será mantida em sigilo.

pretende fazer cursos específicos na área de contação de histórias e ampliar seus conhecimentos, a fim de proporcionar mais emoção e encantamento aos alunos. Neste ponto, destacamos um trecho de Girardello (2007) referente à formação do contador de histórias, em que ela defende que todos temos alguma habilidade para as narrativas orais em decorrência da trajetória de vida, pois em algum momento de nossa vida, nos colocamos no papel de contar algo:

Afinal, algum nível de habilidade narrativa é patrimônio adquirido de todo usuário da linguagem, já que pertencemos à espécie chamada por alguns de *homo narrans*. É importante que essa habilidade tenha a oportunidade de ser exercitada pelas próprias professoras, em sua entrega confiante à proposta de contar histórias. (GIRARDELLO, 2007, p. 5).

Girardello (2007) faz outra observação importante quanto a praticar as narrativas, ou seja, os contadores devem exercitar a contação de histórias para que essa habilidade adquirida seja aperfeiçoada. Neste caso, desenvolver o hábito de leitura possibilita aperfeiçoar a prática das contações.

A professora pesquisada lembra que sempre gostou de ler, mas, na infância, tinha pouquíssimo acesso aos livros. Assim, uma de suas satisfações na escola era o empréstimo dos livros didáticos e, depois, as leituras obrigatórias no Ensino Médio, de autores como Machado de Assis, José de Alencar e Aluísio de Azevedo. Percebemos, nesse relato, como a escola tem papel importante em proporcionar à criança e ao jovem o contato com a literatura.

Os recursos que a professora mais utiliza em sua prática são livros e histórias orais, e tem em seu repertório obras como: *Quem tem medo de monstro?* (Ruth Rocha), *O Monstro das Cores* (Anna Llenas), *A Festa no Céu* (Angela Lago), *No Reino das Letras Felizes* (Lenira Almeida Heck), *Menina Bonita do Laço de Fita* (Ana Maria Machado), *Obax* (André Neves); além de alguns contos de fada clássicos como: *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *João e o Pé de Feijão*, *Cinderela*; e também algumas obras poéticas de Cecília Meireles, entre outras.

Ao planejar uma contação, a professora afirmou que os critérios para selecionar as histórias partem da premissa do que seja de interesse do aluno. Seleciona histórias que possibilitem fazer relações com situações cotidianas, para refletir sobre comportamento e fatos da vida dos alunos, além da questão da diversão que a história proporciona, desenvolvendo o gosto pela leitura. Como recursos, ela utiliza o livro e, sempre que possível, imagens, bonecos, fantoches e vídeos. Para se preparar para

as narrativas, ela considera seu processo simples, baseado na leitura tranquila da história. Ela busca imaginar quais gestos, expressões e tons de voz poderiam ser usados para torná-las mais interessantes e divertidas para os alunos. Elabora os questionamentos que fará a partir da capa e do título do livro (se já conhecem a obra, sobre qual assunto eles imaginam que ela trata, etc.), assim como perguntas durante e após a contação. Também considera as reflexões que podem ser feitas a partir da história. No caso de serem utilizados recursos diferentes do livro, também já os deixa organizados. Estrutura, ainda, as atividades que serão trabalhadas a partir da história contada.

A professora acredita que, a partir das experiências vividas pelo aluno com as histórias contadas, seja possível despertar seu interesse para o mundo dos livros e da leitura, que o levará a um melhor desenvolvimento da aprendizagem em todas as áreas. Quanto maior for o incentivo oferecido pelos professores (escola) e pela família, maior importância a criança dará ao hábito da leitura, podendo este hábito perdurar e continuar fazendo parte de sua rotina em todas as fases da vida. De acordo com a professora entrevistada:

A Literatura, no currículo escolar, tem o objetivo de desenvolver a imaginação, a criatividade e também a valorização da arte e da cultura pelo aluno, buscando instigar sua curiosidade em conhecer “outros mundos” através da leitura. Além disso, a Literatura busca auxiliar no processo de alfabetização e letramento do educando.

Além disso, a contação de histórias, nas palavras da professora, possibilita:

[...] o momento em que o aluno tem a oportunidade de entrar em contato com diversos livros (pois muitos não têm esse acesso em casa), com diferentes gêneros literários, desenvolvendo sua imaginação e criatividade, e também percebendo a leitura ou a audição de histórias como um hábito prazeroso.

Essas falas da professora corroboram o que os teóricos apontam como o papel da literatura, no sentido de formação do leitor e também do sujeito social e cultural, sendo este um dos papéis da educação de modo geral. Ou seja, a fala da professora dialoga com os fundamentos teóricos abordados até aqui de que a literatura possui potencial formativo para além do desenvolvimento do gosto pela leitura, mas também no sentido artístico, cultural e social do ser humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo buscamos compreender como a literatura vem sendo abordada no processo educativo, destacando o potencial das narrativas orais e da contação de histórias como procedimentos teórico-metodológicos dessa abordagem. Debruçamo-nos sobre alguns conceitos importantes para compreender a dimensão da literatura na escola e reconhecê-la como parte do processo formativo do cidadão enquanto um sujeito reflexivo e crítico, social e culturalmente. Assim confirma-se a importância e a necessidade de garantir o espaço da literatura infantil no currículo escolar, como se verificou na EMEF Santa Helena, por meio da inserção do componente Literatura Infantil na parte diversificada do currículo. Como a fundamentação teórica aqui construída aponta, a literatura potencializa e possibilita o desenvolvimento da leitura – e não só a leitura dos códigos de linguagem, mas também da chamada leitura de mundo, como já apontava Freire (1989), e o desenvolvimento do letramento literário, ou seja, a capacidade de fruição, prazer estético e consciência de si em relação ao mundo e do próprio mundo.

Deparamo-nos, nesta investigação, com uma abordagem teórico-metodológica que compreende o valor da literatura infantil e que a torna uma prática vivenciada no contexto escolar, ainda que em alguns aspectos essa noção não se efetive plenamente. Percebemos a contação de histórias como parte da rotina escolar, inserida no componente curricular Literatura Infantil, constituindo uma escolha da instituição de ensino, tendo em vista que o Sistema Educacional permite outras possibilidades de componentes a serem ofertados na parte diversificada do currículo. Mais do que isso, percebemos que o trabalho com a literatura tenta, de fato, assumir o papel de formação de leitores e está presente não somente na sala de aula, mas perpassa outros ambientes que a escola dispõe, seja na biblioteca ou no deck, com a Geloteca, disponível para as crianças, por exemplo.

A concepção teórica observada na prática docente ancora-se na noção de que a literatura tem potencial para o desenvolvimento integral do sujeito. Dentro dessa proposta, a contação de histórias aparece como um recurso metodológico que não só propicia um momento lúdico e de fruição do texto literário, mas também favorece a aprendizagem das crianças, por isso, todo o cuidado demonstrado pela professora entrevistada com o planejamento, a preparação e a execução do trabalho com as narrativas orais. Em relação à contação de histórias, a performance da professora

dialogou com os estudos referendados neste trabalho quanto à preparação e “ritual” de contação. Percebemos que a performance da professora atentou para a presença (corpo) e palavra (voz) do contador, além de observarmos que no momento da realização da narrativa, da contação, houve a preocupação da docente em instigar a imaginação, curiosidade e participação das crianças para a história. Nesse momento, ocorreu a exploração dos aspectos literários da obra, como título, autor, ilustrações, plurissignificação do texto.

Percebemos, entretanto, uma certa contradição no decorrer das aulas observadas, pois, de maneira geral, as narrativas contadas foram utilizadas com pretextos para conteúdos pedagógicos, não necessariamente enfocando os aspectos literários. Podemos considerar alguns aspectos que implicam nessa prática, dentre eles a formação acadêmica da professora e os critérios estabelecidos pela escola para o perfil do profissional encarregado do componente Literatura Infantil. Essas questões, entretanto, são complexas e envolvem, além da gestão escolar, o próprio sistema de ensino do município, que estabelece a habilitação necessária para lecionar o componente – o que não fica claro no documento norteador em questão (apenas cita que a escola deve encaminhar comprovante de habilitação do professor que ministrará o componente), além de fornecer pouca capacitação para os profissionais. Existe alguma formação em forma de minicursos para as áreas diversificadas, mas nada muito aprofundado, o que deixa a cargo do professor a busca pela própria formação a fim de estar minimamente habilitado para ministrar o componente. Há também o tempo de aula destinado ao componente Literatura Infantil, que apesar de ocupar duas horas semanais, deve-se considerar nesse período a locomoção da turma até a biblioteca e todo o processo de devolução e retirada de livros.

Reconhecemos, portanto, a importância do componente Literatura Infantil no currículo da escola, mas atentamos para aspectos relevantes para desenvolvê-lo com qualidade, como a formação/capacitação dos professores, a fim de atingir os objetivos e explorar o potencial do texto literário debatido neste trabalho. De outra forma, corre-se o perigo de continuar reproduzindo o equívoco de reduzir o trabalho com a literatura infantil a um mero suporte para fins pedagógicos que não estimulam verdadeiramente a formação do leitor literário, do sujeito crítico reflexivo. Entendemos que essa responsabilidade perpassa todos os sujeitos envolvidos na educação, desde o professor, a gestão escolar, passando pelos sistemas de ensino, pelos cursos de

formação de professores em nível de graduação e pós-graduação e, em última instância, pelas políticas públicas do livro, da leitura e da biblioteca.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.

BENTO GONÇALVES. **Resolução CME n. 045, de 12 de dezembro de 2019**. Aprova, para o Sistema Municipal de Ensino, os componentes curriculares da Parte Diversificada do Currículo como complemento à Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Conselho Municipal de Educação: Bento Gonçalves, 2019. Disponível em: <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/downloads/Educacao/CME-Resolucao-045-2019.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 out. 2020.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 10 de set. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 22 fev. 2020.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (Orgs.) **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas/SP: Papyrus, 2007, p. 39 - 58.

_____. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e aprendizagens: a experiência lúdica na educação: uma entrevista de Cipriano Carlos Luckesi para a RCC. **Revista Com**

Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 4, n. 3, p. 100-102, 2017.

Disponível em:

<http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/255/166>. Acesso em: 24 abr. 2020.

PATRINI, Maria de L. **A renovação do conto:** emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, R. J. de; COSSON, R. O Cantinho da Leitura como prática de letramento literário. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 95-109, nov./dez. 2018.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n72/0104-4060-er-34-72-95.pdf>.

Acesso em: 16 nov. 2019.

TORRES, S. M; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau literária**, v. 04, nº 1, jan./jun. de 2008, p. 1 - 8.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27420>. Acesso em: 02 nov. 2019.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ANEXO I – Resolução CME n. 045, de 12 de dezembro de 2019



**Estado do Rio Grande do Sul
MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

RESOLUÇÃO CME n. 045 , DE 12 DE DEZEMBRO DE 2019

Aprova, para o Sistema Municipal de Ensino, os componentes curriculares da Parte Diversificada do Currículo como complemento à Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

O Conselho Municipal de Educação, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas por Lei, fundamentado na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, no Plano Municipal de Educação, na Lei Municipal nº 3.159, de 27 de dezembro de 2001 e suas alterações, na Lei Municipal nº. 6.488, de 18 de março de 2019 e no Decreto Municipal nº 10.125, de 21 de março de 2019,

Considerando:

- o artigo 210 da Constituição Federal de 1988 que "serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais";
- o inciso IV do artigo 9º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que os entes federados, em regime de colaboração, devem estabelecer competências que nortearão os currículos da Educação Básica e seus conteúdos mínimos assegurando a formação básica comum;
- o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que os currículos da Educação Básica devem ter uma Base Nacional Comum a ser complementada pelos Sistemas por uma parte diversificada atendendo as características regionais e locais;
- a Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2019, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica;
- o Parecer CNE/CP n. 15, de 15 de dezembro de 2017, que esclarece o que é tratado na Base Nacional Comum Curricular;

Resolução CME nº 045/2019, fl. 02

- o que se encontra disposto no Plano Nacional de Educação e no Plano Municipal de Educação para Educação Básica nas etapas da educação infantil e do ensino fundamental;
- a Resolução nº 345 do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul que institui e orienta a implementação do Referencial Curricular Gaúcho dentro do Regime de Colaboração;
- o Parecer CME n. 36/2011 que trata da presença de componentes curriculares da parte diversificada nos currículos dos estabelecimentos de ensino pertencentes à Rede Municipal de Ensino;
- o Parecer CME n. 032/2013 que dispõe sobre a Base Nacional Comum e a Parte Diversificada;

RESOLVE:

Art. 1º. A presente Resolução trata dos componentes curriculares da Parte Diversificada do currículo das escolas do Sistema Municipal de Ensino, conforme o disposto no artigo 7º e seu parágrafo único da Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2017.

Art. 2º. Os componentes curriculares da parte diversificada devem estar em consonância, com a Base Nacional Comum Curricular visto serem complementares a ela.

Parágrafo único – Os atuais objetivos e conteúdos que formam os componentes curriculares da parte diversificada devem levar em consideração as competências gerais e as competências específicas nas áreas em que se inserem devendo ser transformados em habilidades conforme ocorre com os componentes curriculares da BNCC.

Art. 3º. São considerados componentes curriculares da parte Diversificada:

I – Para a Educação Infantil: Musicalidade; Literatura Infantil; Língua Estrangeira Moderna; Libras; Ciência Aplicada; Literatura Infantil ou Infantojuvenil; Educação para o Pensar.

II- Para os anos iniciais do Ensino Fundamental: Musicalidade; Literatura Infantil; Língua Estrangeira Moderna; Libras; Ciência Aplicada; Literatura Infantil ou Infantojuvenil; Educação para o Pensar.

Art. 4º. A inclusão de novos componentes curriculares na parte diversificada do currículo deverão ser aprovados pelo Colegiado em processo contendo:

I- ofício firmado pela mantenedora solicitando a inclusão de novo componente curricular da parte diversificada;

II- cópia do Plano de Estudos do componente curricular em consonância com a BNCC;

III- cópia da Matriz Curricular com a carga horária inclusa nos horários de funcionamento do curso, dentro do horário de funcionamento da escola;

IV- comprovante de habilitação do professor que irá ministrar o componente curricular.

Resolução CME nº 045/2019, fl. 03

Art. 5º. As escolas das mantenedoras privadas que ofertam com exclusividade a educação infantil, pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino, dentro de sua autonomia pedagógica podem adotar quaisquer dos componentes citados no inciso 1º do artigo 3º dessa Resolução.

Art. 6º. Quando a parte diversificada trabalhar apenas habilidades utilizando conteúdos locais e regionais e não se constituir em um componente curricular far-se-á apenas adaptações nos Planos de Estudos das Escolas, aprovados pela mantenedora.

Art. 7º. Ficam as escolas pertencentes aos demais sistemas de ensino presentes no território de Bento Gonçalves, com a possibilidade de aderir, no que couber, aos componentes curriculares da parte diversificada aqui elencados, dentro do proposto no Regime de Colaboração.

Art. 8º – A presente Resolução entra em vigor na data de sua aprovação.

Bento Gonçalves, 12 de dezembro de 2019.

Aprovada por unanimidade dos presentes, em reunião Ordinária, realizada em 12 de dezembro de 2019.

Janete Maria Ziero Lunelli
Presidente

APÊNDICE I

Questionário aplicado à docente de Literatura Infantil

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - Campus Bento Gonçalves

Licenciatura em Pedagogia

QUESTIONÁRIO

Nome: [REDACTED]

Idade: 32 anos

Formação: Licenciatura Plena em Matemática (concluído), Especialização no Ensino de Matemática para a Educação Básica (Concluído) e Licenciatura em Pedagogia (em andamento)

Escola em que atua: EMEF Santa Helena (e outras duas com outras disciplinas)

Turma: Jardins A e B, 1ºs anos (11 e 12) e 2ºs anos (21 e 22)

Turno: Tarde

1. O que são as disciplinas diversificadas? Há regulamentação específica para sua implantação na escola?

As disciplinas diversificadas trabalham os aspectos culturais particulares voltados ao local onde a escola e o aluno estão localizados, sendo a parte “flexível do currículo”, considerando a realidade de cada região/município sendo regulamentada pela BNCC.

2. De que forma a Literatura está presente e estruturada no currículo da escola?

A Literatura, no currículo escolar, tem o objetivo de desenvolver a imaginação, a criatividade e também a valorização da arte e da cultura pelo aluno, buscando instigar sua curiosidade em conhecer “outros mundos” através da leitura. Além disso, a Literatura busca auxiliar no processo de alfabetização e letramento do educando,

3. Para você, qual é o papel e a importância da literatura e da contação de histórias na escola?

Acredito que é o momento em que o aluno tem a oportunidade de entrar em contato com diversos livros (pois muitos não têm esse acesso em casa), com diferentes gêneros literários, desenvolvendo sua imaginação e criatividade, e também percebendo a leitura ou a audição de histórias como um hábito prazeroso.

4. Há quanto tempo você atua na disciplina diversificada? Foi opção sua trabalhar nessa disciplina?

É o segundo ano que atuo nesta disciplina. Foi-me oferecido a vaga, como

carga horária suplementar, devido à falta de professores. Então, considerando que seria uma nova experiência profissional e também um complemento financeiro, resolvi aceitar.

5. Qual é a sua relação com a literatura? Você tem a leitura como prática habitual?

Desde criança sempre gostei de livros e de ler, porém, tinha acesso a pouquíssimos livros. Lembro-me que ficava muito feliz até quando recebia os livros didáticos emprestados da escola para levar para casa. Na minha época de ensino médio, passava as tardes lendo (eu frequentava a escola de manhã), adorava as leituras obrigatórias (Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, ...), que para mim eram um momento de lazer, e outros que retirava na biblioteca da escola. Hoje em dia tento manter o hábito, porém, não costumo ler tanto como no ensino médio, pois a disponibilidade de tempo é bem menor.

6. Você se denomina ou se considera um(a) contador(a) de histórias?

Talvez. Porém, sinto a necessidade de me aperfeiçoar na área, ter uma formação mais direcionada. Pretendo fazer cursos específicos na área de contação de histórias, buscando ampliar meus conhecimentos e proporcionar mais emoção e encantamento aos meus alunos neste momento.

7. Qual (ais) metodologias você adota para contar histórias?

De maneira geral, utilizo o livro, figuras e fantoches que representam os personagens, vídeos e também áudios.

8. Quais fontes você utiliza para a sua prática de contação de histórias?

Livro História oral Histórias de sua autoria

9. Quais histórias (e autores) você possui em seu repertório de contador(a) de histórias?

Quem tem medo de monstro? (Ruth Rocha), O Monstro das Cores (Anna Llenas), A Festa no Céu (Angela Lago), Macaco Danado (Julia Donaldson), No Reino das Letras Felizes (Lenira Almeida Heck), Menina Bonita do Laço de Fita (Ana Maria Machado), Obax (Andre Neves), Lino (Andre Neves) são alguns que gosto de trabalhar. Trabalho também com contos de fada como: Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, João e o Pé de Feijão, Cinderela, e também com algumas poesias da autora Cecília Meireles, por exemplo, Leilão de Jardim, Ou isto ou aquilo, O Menino Azul, entre outras.

10. Qual é o seu critério para seleção das histórias a serem contadas?

Procuro sempre selecionar histórias que sejam do interesse do aluno, que possibilitem fazer relações com situações cotidianas, refletindo sobre seu comportamento e sobre fatos da sua própria vida. Além disso, também busco apresentar histórias que proporcionem diversão, desenvolvendo o gosto pela leitura.

11. Quantas histórias você conta por aula?

Sempre me programo para contar uma história por aula, além da ida a biblioteca para leitura individual e retirada de livros. Como trabalho com diferentes atividades a partir de cada história, já aconteceu de termos atividades da aula anterior para concluir, não dando tempo para contar a história preparada. Nestes casos, a história fica para a próxima aula.

12. Quais o(s) espaço(s) em que você conta histórias com maior frequência?

Em sala de aula, na biblioteca e no pátio da escola.

13. Já fez alguma oficina de formação de contadores de histórias ou similar? Qual, quando e com quem?

Realizei um curso de extensão de Literatura Infantil, mas não se tratava especificamente de contação de histórias. Porém, pretendo me organizar para buscar conhecimentos mais específicos na área.

14. Você utiliza recursos externos na contação? Quais? (cenários, figurinos, bonecos, sonoplastia, imagens...).

Sempre que possível (quando consigo produzir ou pegar emprestado de alguma colega) tento utilizar imagens, bonecos, fantoches e vídeos.

15. Descreva seu processo de preparação para a contação de uma história (Performance).

Minha preparação para a contação é feita de maneira bem simplificada. Leio a história com calma e procuro imaginar quais gestos, expressões e tons de voz poderiam ser usados para torná-la mais interessante e divertida aos alunos. Elaboro os questionamentos que farei a partir da capa e do título do livro (se já conhecem a obra, sobre qual assunto eles imaginam que ela trata, ...), assim como as perguntas que farei durante e após a contação e também as reflexões que podem ser feitas a partir da história. No caso de serem utilizados recursos diferentes do livro, também já os deixo organizados. Estruturo, ainda, as atividades que serão trabalhadas a partir da história contada.

16. Na sua opinião, qual é a contribuição da contação de histórias para a formação de leitores?

Acredito que a partir das experiências vividas pelo aluno com as histórias contadas seja possível despertar seu interesse para o mundo dos livros e da leitura, que o levará a um melhor desenvolvimento da aprendizagem em todas as áreas. Quanto maior for o incentivo oferecido pelos professores, escola e família, maior importância a criança dará ao hábito da leitura, podendo este hábito perdurar e continuar fazendo parte da rotina desta criança em todas as fases da sua vida.

Obrigada pela sua participação!!!!